

O conceito de infinito hegeliano na *Ciência da Lógica*

Greice Ane Barbieri*

Resumo: Toda a problemática de uma passagem do finito (*Endlich*) para o infinito (*Unendlich*), e da própria relação entre estes dois conceitos, o limite (*Grenze*), a barreira (*Schranke*) e o dever-ser (*Sollen*) são colocados em evidência, por Hegel, logo no início da *Ciência da Lógica*. Podemos deduzir desta constatação que a resolução destas relações de uma maneira mediata constitui-se em um requisito mínimo para a compreensão da atividade do pensar e da sua possibilidade enquanto filosofia. Este artigo se propõe a mostrar os principais engendramentos que envolvem a relação entre finito e infinito.

Palavras-chave: Finito, infinito, limite, barreira.

Résumé: Tout le problème de la passage du fini (*Endliches*) à l'infini (*Unendliches*), et même la relation entre ces deux concepts, la limite (*Grenze*), la barrière (*Schranke*) et le devoir-être (*Sollen*) sont placés en évidence, par Hegel, au début de la *Science de la Logique*. Nous pouvons déduire de cette observation que la résolution de ces relations est un moyen de servir de médiateur dans une exigence minimale pour la compréhension de l'activité de la pensée et de sa capacité en tant que philosophie. Cet article entend montrer l'engendrant principale portant sur la relation entre le fini et l'infini.

Mots-clés: Fini, infini, limite, barrière

Introdução

A passagem do finito (*Endliches*) para o infinito (*Unendliches*), na *Ciência da Lógica*, é exposta por Hegel como tendo um caráter fundamental para a posterior apreensão do desenvolvimento lógico, pois diz respeito a uma transição na qualidade do ser, a saber, do ser-aí (*Dasein*) para o ser-para-si (*Fürsichsein*). Cabe analisar o conceito de infinito, pois, para Hegel, a *infinitude* (*Unendlichkeit*) colocada pelas coisas finitas e suas relações entre si é uma má infinitude, já que se trata de um progresso indefinido e infundável ou um avançar constante, onde um limite (*Grenze*) é posto e ultrapassado

* Mestre em Filosofia; Doutoranda UFRGS/CNPq. E-mail: greice_barbieri@hotmail.com.

sucessivamente, sem o alento de um fim alcançável. Tudo o que temos é um algo (*Etwas*) que é por um outro (*Anderes*); todavia, este, por sua vez, é também um algo que também é por um outro e assim sucessivamente, consolidando-se como uma negação do finito, que, no entanto, em seu processo, repõe-se novamente, não sendo suprassumido (*aufgehoben*). Mas, para Hegel, o verdadeiro infinito não pode ser obtido por esse suceder infinito de finitos. O finito e o infinito são aspectos do real, aparentemente em eterna oposição que originariam todas as outras oposições, tais como a entre sujeito e objeto, teoria e prática. Assim, uma mediação para solucionar a oposição entre finito e infinito é importante para a filosofia hegeliana, pois permitiria o alcance da verdade da realidade enquanto unidade exprimível em um sistema. Para o pensamento especulativo, finito e infinito compreenderiam uma unidade formada justamente pela reposição de um pelo outro, na medida em que ser infinito requer, em si, o ser finito – porque senão não seria infinito – ao mesmo tempo em que o finito requer, para ser finito, a restrição de si colocada ao infinito. A pergunta que se coloca refere-se ao estatuto do verdadeiro infinito e de qual tipo de relação este mantém com o finito, a fim de poder dar prosseguimento ao movimento da *Ciência da Lógica*. Hegel nega que o infinito seja “*um dos dois*”, como se ele estivesse meramente ao lado do finito e, nesse caso, sendo apenas uma negação absoluta do finito e, portanto, tornando-se limitado pelo finito (WdL, I, p. 47¹). O infinito surgirá como a afirmação que ocorre pelo finito, quando ele ultrapassa a sua limitação enquanto ser que deixará de ser. Enfim, por esse movimento, ele nega a sua negação, alcançando, assim, o infinito.

1. O ser, o nada, o devir

Ao iniciar sua *Ciência da Lógica* pelo ser, Hegel coloca-se o problema de saber que ser é esse pelo qual uma ciência da lógica deve se iniciar. Primeiramente, Hegel supõe um ser puro, sem qualquer determinação. Entretanto, tal ser prova-se impossível de ser colocado como início de uma ciência, uma vez que ele mesmo não traz consigo nenhuma determinação, nenhuma qualidade, que possa pô-lo enquanto algo do qual

¹ HEGEL. *Science de la Logique* I. Trad. S. Jankélévitch, Paris: Aubier, 1947. p. 146. (doravante, WdL, I) “O Infinito, assim concebido, é o *Um dos Dois*; mas, enquanto um de dois, é ele mesmo finito, ele não é o Todo, mas somente um lado do Todo; tem seu limite nisto que se encontra em face dele; ele é, assim, o *Infinito finito*. Há apenas *dois Finitos*”. Cf. tb. HEGEL. *Enciclopédia* I. São Paulo: Loyola, 1995. § 95 (*Zusatz*), p. 191. (doravante Enz. I)

uma ciência poderia derivar. Se uma ciência da lógica deve versar sobre as estruturas do pensamento racional, aos olhos de Hegel parece impossível, nesse caso, que tanto pensamento quanto pensar estejam separados. Isso porque, “em lógica, ‘forma’ (pensar) e ‘matéria’ (pensamento) não podem realmente se opor nem mesmo serem distinguidos”, uma vez que “só o pensar pensa seus próprios procedimentos; ele é ao mesmo tempo forma e conteúdo” (FLEISCHMANN, 1968. p. 40). Podemos dizer que esta primeira parte da *Ciência da Lógica* é uma ciência do ser. E, “ela tem por domínio o ser imediato e suas determinações imediatas: qualidade, quantidade, medida” (NOËL, 1894. p. 270). Estas determinações vão sendo postas pouco a pouco por Hegel, sempre tendo lugar para o nada, a negação e a negatividade, que fazem parte do processo estruturante e estrutural das regras do pensamento acerca do mundo.

Já no início, o ser puro, sendo puro, é apresentado como não tendo nenhuma determinação ou conteúdo, é, então, indeterminado, “vazio puro” (WdL, I, p. 72²). Em última instância, assim posto enquanto vazio, é apenas idêntico a si mesmo, não sendo diferente de qualquer outra coisa; ele é indeterminado sendo puro vazio e, nessa situação, o ser é nada. Aqui, Hegel ainda não nos diz, mas a alternativa que nos resta é que o ser puro não existe, uma vez que, para existir, ele deixaria de ser o ser puro. O nada, por outro lado, sendo a “simples igualdade consigo mesmo, o vazio perfeito, a ausência de determinação e de conteúdo” (WdL, I, p. 72) coloca-se na mesma situação do ser puro; tão idênticos que, com essas definições cruzadas, tornam-se uma unidade indiferenciada: Hegel supõe, então, que ser e nada não possuem uma verdadeira oposição entre si, já que, como vimos acima, acabam por formar uma identidade. Entretanto, sendo distintos e, ao mesmo tempo, inseparáveis, cada um acaba por constituir o outro, formando o conceito de devir (*Werden*). Assim, a verdade não estará nem no ser puro e nem no nada, mas na passagem de um para o outro e vice-versa. Nesse movimento, o devir faz com que a diferença entre ambos seja ressaltada, ao mesmo tempo em que a reduz e a suprime. Em outras palavras: “ao pensar o ser, que é limitado pelo nada e, o nada, que é limitado pelo ser, eu faço nascer essas duas noções, uma da outra, e isso significa que esse *processo* do pensar é, aqui, a realidade”

² Optou-se pelo uso desta tradução (de Jankélévitch) porque é aquela que apresenta a primeira parte da *Ciência da Lógica* de Hegel em sua última versão, revisada e modificada pelo próprio autor, entre os anos de 1830 e 1831, pouco antes de sua morte. Cf. BOURGEOIS, Bernard. “II. La science de la logique de l’Encyclopédie des Sciences Philosophiques”. In: HEGEL. *Encyclopédie des Sciences Philosophiques*, I. - La Science de la Logique. Paris: Vrin, 1970. p. 69.

(FLEISCHMANN, 1968. p. 68). Essas duas entidades que nascem desse processo excluem-se mutuamente e, por isso mesmo, é o processo que se afirma e se mantém. Atenemos que, aqui, ainda estamos falando estritamente do processo “mental”: a mediação entre estas duas oposições é feita pelo próprio pensamento. Trata-se de uma unidade que se apresenta sendo: “o devir, isto é a passagem à unidade do ser e do nada [...] que se apresenta sob a forma da unidade direta e unilateral desses dois momentos, este devir, é o ser-aí” [*Dasein*] (WdL, I, p. 72).

O ser-aí significa, preponderantemente, não um ser que é em algum lugar, mas um ser com uma qualidade, pois sem essa qualidade, o ser permaneceria “inteiramente indeterminado, puro nada” (FLEISCHMANN, 1968. p. 73). Todo o ser existente, que se encontra no mundo, tem ao menos uma qualidade, um quê, um algo tornando este ser um particular e não um puro ser. Desse modo, “o ser determinado [*Dasein*] é o ser da qualidade, uma certa qualidade que é o ser determinado devém o determinado existente (*daseiend*), isto é, o algo (*Etwas*)” (NOËL, 1894. p. 273). Então, nós agora temos um ser que possui uma qualidade e, ao tê-la, ele é, de certo modo, colocado no mundo, de tal forma que ele é alguma coisa.

2. O algo e o outro: nascimento do limite e capacidade do finito

O algo, como nova forma do ser, uma forma mais concreta, possui em si também a sua negação. Essa negação irá surgir na forma do outro (*Anderes*). Algo encontra sua oposição em outra coisa que, por sua vez, em si, também é um algo. E este, por sua vez, se considerado enquanto tal, tem o seu outro naquele primeiro algo que lhe fizera oposição. Entretanto, não devemos nos enganar e pensar que existiriam apenas dois “algos”: um é construído pelo outro, “os dois termos devem ser determinados e determinados um em relação ao outro” (NOËL, 1894. p. 274). O meio que traz a relação entre o algo e o outro e os delimita é o limite (*Grenze*). Esse opera com ambos, pois ele faz parte da determinação do ser-aí em geral, abarcando, então, o algo e o outro. A categoria de limite tem uma primeira significação, a saber, a de ser “o ato pelo qual o algo limita o outro, o seu outro” (BIARD et al., 1981. p. 76)

Se pensarmos no limite enquanto a negação do algo, percebemos que ele “não é um nada abstrato em geral, mas um nada essente, ou seja, aquilo que chamamos um

outro” (Enz. I, § 92 Z, p. 188). Então, o limite é um termo que se liga à finitude do ser-aí; diz respeito àquilo que faz de algo ser aquilo que é, porque este algo só é algo na medida em que não é outra coisa: nas palavras de Hegel, “o ser-aí é determinado” (WdL, p. 115³). E, nessa medida, além de ter uma qualidade e por ela poder ser definido, ele também se acha restringido; aliás, essa mesma qualidade que diz o que o ser-aí é também se coloca como o seu limite, dentro da qual ele está restrito.

Assim, o ser-aí é finito, justamente porque ele possui em si uma restrição ao seu ser. E, este ser, por sua vez, também consiste justamente naquilo pelo qual ele não é; ou seja, os elementos são caracterizados não só pelo que são e enquanto restritos, mas essa restrição é formada justamente por aqueles elementos pelos quais a coisa não é⁴. Algo está limitado por um outro; todavia, ambos, enquanto exemplos de um ser-aí, são indiferentes, pois se colocam tanto um (o algo) como outro, enquanto formas de uma coisa imediata. O limite, como já foi dito, forma o meio entre o algo e o outro, “meio no qual um e outro cessam de ser aquilo que são” e, então, “o limite, enquanto não-ser de cada um é o outro de cada um” (WdL, I, p. 126). Desse modo, algo e outro são apenas nomes que damos aos objetos no momento em que mantemos uma relação particular com um deles. Um objeto acaba sendo por outro na medida em que ele é, justamente, em função de ser um outro. Como nos diz Doz: “Algo é um outro. Ora, o outro, como tal, não é determinado por si, mas por aquilo que é fora dele: está privado de seu próprio ser, ele é o outro de si mesmo” (DOZ, 1987. p. 65).

Ou seja, tanto o “algo” como o “outro”, que lhe determina enquanto “algo”, não deixam de ser um outro, um ser-aí; o que os distingue é um ato subjetivo do indivíduo que os nomeia e, de certa forma, decide o seu valor. De qualquer maneira, um ser-aí somente será determinado enquanto sendo um algo diferente de outro; pois não há ser-aí que possa ser determinado apenas por si mesmo, sem manter relações com um outro e, nessa medida, perante este outro, configurar-se ele mesmo, como o algo que é o ser-outro do outro (Cf. WdL, I, p. 114 e Enz. I, § 381).

³ “O ser-aí é determinado; algo tem uma qualidade e nela não só é determinado, mas também limitado; sua qualidade é seu limite e, ao ser afetado por este, permanece, primeiramente, como um ser-aí afirmativo e calmo. Mas esta negação se desenvolve de modo que a oposição entre o ser-aí e a negação como limite que lhe é imanente seja por si mesmo o ser-dentro-de-si do algo e este seja, portanto, não só um devir dentro de si, mas constituição de sua finitude”. (Tradução com alterações de nossa parte).

⁴ “Somente *em* seu limite e *por* seu limite, algo é o que é. Não se pode, assim, considerar o limite como simplesmente exterior ao ser-aí; mas, antes, o limite atravessa o ser-aí inteiro”. Enz. I, § 92 (*Zusatz*), p. 188.

Tanto a categoria do “outro” quanto a do “algo” se encontram colocadas ao mesmo tempo. E o mesmo ocorre, por exemplo, entre o finito e o infinito. O finito é colocado ao mesmo tempo em que o infinito; entretanto, não podemos dizer que o finito origina o infinito. O que ocorre é que cada aspecto deve ser capaz de determinar-se por si mesmo e, ao mesmo tempo, essa determinação inclui o ser outro daquilo em que a determinidade está atuando.

Assim, finito e infinito, algo e outro, na verdade, devem determinar-se em si e por si, muito embora “se impliquem reciprocamente sendo um ser-por-um-outro, são considerados como qualitativamente e se bastam a si mesmos” (WdL, I, p. 119) enquanto categorias próprias, onde os seus sentidos aparecem completos ainda que sem seu outro. Desse modo, essas categorias se expõem de modo diferenciado em relação a outras, nas quais a mútua dependência é real e constituinte de seu conceito. Hegel cita como exemplos disso as relações entre positivo e negativo ou causa e efeito, cujas ligações se apresentam de tal forma que uma somente é possível pela existência da outra; isto é, no momento no qual um deles surge, o outro necessariamente será posto.

3. Determinação

No momento em que algo se apresenta por meio dessa identidade dos diferentes, em que o algo se define também pelo seu outro, temos uma nova unidade. Então, desta maneira, o algo tem uma determinação (*Bestimmung*); ou seja, ele possui uma caracterização que lhe é própria. Nesses termos, a determinação pode ser vista como o resultado do determinar, ou seja, a determinação se refere às qualidades que estão dentro do conceito – usado aqui, no seu sentido comum – de alguma coisa.

Nas suas relações com o outro, o algo possui em si uma natureza que tende a ser realizada e, então, sendo de certa maneira delimitado pelo outro; aliás, a qualidade (ou determinação) do algo deve, também, ser colocada por meio do seu outro. A determinação não pode ser vista, segundo Hegel, apenas como a operação da afirmação positiva da coisa, pois isso seria a afirmação vazia do ser que é. Cabe, no momento da determinação do algo, a afirmação do seu outro que, nesse sentido, pode ser dita como a negação do algo que acaba por afirmá-lo enquanto este algo.

Então, a determinação (que é negar) possui um aspecto afirmativo ao colocar o algo por meio de suas relações com o outro que o determinam. Assim, muito embora “determinar seja negar”, podemos apreender também a afirmação por meio da determinação, mas essa afirmação está envolta pela negação colocada enquanto outro do algo. Cabe ao algo expressar-se também enquanto aquilo que ele não é, mas que, enquanto limite ao seu ser, o constitui e determina e, mesmo, ser expressão daquilo que ele é em si mesmo.

Esse limite coloca em evidência a qualidade do algo tal como ele é apenas em si. Por conseguinte, o limite também coloca em realce aquilo que o algo não é como sendo uma “limitação”, uma falta, uma negação. Dessa maneira, o limite põe, concomitantemente, o algo e o outro, entretentes, ressaltando as diferenças qualitativas entre ambos os aspectos na esfera do ser-aí, separando-os: “o limite, que separa o algo de outra coisa, é igualmente o limite que separa esta outra coisa do primeiro algo que, de sua parte, torna-se o outro, em relação aquele, seu não ser” (WdL, I, p. 125).

A limitação, enquanto característica de um algo qualquer, é atribuída àquelas coisas que denominamos “finitas”. Isto é, a limitação, enquanto se apresenta como determinação do ser-aí, remete-nos àquilo que possui em si mesmo o seu princípio e o seu fim. Isto porque tudo que é, é justamente porque não é uma outra coisa.

Com esses elementos, podemos dizer que alguma coisa tem, primeiramente, uma relação meramente exterior com outras coisas, igualmente exteriores a elas mesmas; ou seja, cada coisa finita – justamente por ser finita – restringe igualmente outras coisas, ao mesmo tempo em que é restringida por elas. Então, a restrição surge justamente no aspecto negativo: algo é, justamente, porque não é outro algo. Mas sob um aspecto positivo, o limite, ao restringir, acaba dando a esse algo o seu ser próprio.

Com isso, sabemos que a determinação das coisas finitas engloba, então, justamente a sua afirmação (ser) e a sua negação (não-ser). Isto porque quando pensamos nas coisas finitas, sabemos que elas contêm, em si, “a negação qualitativa levada ao extremo”. A negação qualitativa é justamente a afirmação pela negação da negação: ao cumprir sua determinação final (seu desaparecimento), as coisas finitas também negam essa negação constituída pelo seu desaparecimento. Ao desaparecerem, fenecerem, embora sejam negadas enquanto coisas, essas mesmas coisas negam seu desaparecimento por meio da negação desta negação operada pela efetivação de sua

determinação final. Ora, a “qualidade” das coisas é ser; logo, a negação dessa qualidade – levada ao extremo – é a morte. As coisas finitas não somente se transformam, mas elas também desaparecem: “a hora do seu nascimento é, ao mesmo tempo, a hora de sua morte”, característica um tanto perturbadora, na medida em que tudo aquilo que é finito, tem como determinação última, deixar de ser⁵.

Assim, o algo é dado por meio desse movimento conceitual que se contrapõe através dos extremos, onde o ser-aí é colocado para além de seu limite, de sua restrição. Este limite ao ser-aí, que contém em si a contradição de ser, justamente porque deixará de ser, acaba por colocar diante do ser-aí a tarefa de se repor constantemente enquanto existência que não se acaba. Além disso, é por esse caminho que esta nova contradição será resolvida, tendo como exemplo a contraposição entre barreira e dever-ser e, de maneira mais pertinente, a contraposição entre finito e infinito, a qual podemos afirmar que, em sua recíproca determinação, constitui tema principal, não só da lógica, mas também de todo o sistema hegeliano⁶.

A finitude e a infinitude são aspectos do real, aparentemente em uma eterna oposição originando, no fim das contas, todas as outras oposições, tais como a entre sujeito e objeto, teoria e prática. Desse modo, uma mediação que possa ser colocada enquanto possível para solucionar a oposição entre finito e infinito é extremamente importante para a filosofia hegeliana, pois essa resolução permite o alcance da verdade da realidade enquanto unidade capaz de ser expressa em um sistema.

4. O infinito hegeliano: unidade do sistema

Em Hegel, o que é finito carrega consigo uma contradição: o finito não só se caracteriza por uma mudança, mas esta mudança, considerada na sua forma extrema, culmina com o desaparecimento do ser. Assim, aquilo que é finito é, mas seu “destino” final é não-ser. “Então, o finito é contraditório, e isto pertence a sua natureza, [...] e é isto que faz com que o finito tenda ao além de si mesmo, enseje se transcender” (WAHL, 1959. p.

⁵ Desse modo, podemos dizer que o algo, o ser-aí, não apenas possui um outro, mas ele tem nele mesmo esse outro e é ele que faz do algo, uma coisa finita. Cf. J. WAHL. *Commentaires de la logique de Hegel*. Paris: CDU, 1959. p. 50.

⁶ Cf. GARAUDY, Roger. *El pensamiento de Hegel*. Barcelona: Seix Barral, 1974. p. 180. “Esta determinação recíproca e esta unidade do finito e do infinito constituem o tema principal desta parte da *Lógica* e, sem dúvida, de toda a *Lógica* e de todo o sistema hegeliano”.

50). Para Hegel, essa infinitude colocada pelas coisas finitas e suas relações entre si “é a má ou *negativa* infinitude, enquanto nada é senão a negação do finito, o qual, entretanto nasce também de novo; por isso igualmente não está supressumido [*Aufgehoben*]” (Enz. I, § 94, p. 189). Mas isso nada mais é que um progresso indefinido e infinito e, dessa maneira, “é sem dúvida muito acertado que afinal deixemos de avançar em tal consideração mais longe e sempre mais longe, não por causa da sublimidade, mas pelo tédio dessa tarefa” (Enz. I, § 94 Z, p. 190). Trata-se apenas de um avançar constante, onde um limite é posto e ultrapassado sucessivamente, sem o alento de um fim alcançável. Podemos, mesmo, dizer que se trata de um avançar da falta pela falta: quando é finito, o é porque ainda não alcançou sua determinação e, uma vez alcançada sua determinação, este finito deixa de ser... Podemos dizer que “a finitude, contrariamente a sua imagem popular, consiste em não ter limites determinados” (FLEISCHMANN, 1968. p. 79).

Este aparente avançar não é mais do que uma tentativa de abarcar o verdadeiro infinito, o qual, entretanto, não pode ser alcançado por esse suceder infinito de finitos: eis a má infinitude. Na má infinitude, tudo o que temos é um algo que se torna um outro; todavia, ele é também um algo que passará a ser um outro e assim sucessivamente, consolidando-se como uma mera tentativa de negação do finito, que, todavia, em seu processo, repõe-se novamente. Nessas condições, ocorre que um limite é colocado para, posteriormente, ser negado pela colocação de um novo limite, o qual, no entanto, não leva a outro lugar do que aquele de uma nova limitação. A pergunta que agora se coloca refere-se ao *status* do verdadeiro infinito e de qual tipo de relação mantém com o finito. Pois, para o pensamento especulativo, finito e infinito compreendem antes uma unidade (e não uma separação), que é formada justamente pela reposição de um pelo outro, na medida em que ser infinito requer, em si, o ser finito – porque senão, não seria infinito – ao mesmo tempo em que o finito requer, para ser finito, a restrição de si colocada ao infinito⁷.

O uso do conceito “passagem” (*Übergang*) para a denominação do processo dialético que se dá entre esses dois aspectos da realidade nos fornece pistas acerca desse processo. A passagem consiste em um momento dialético, onde os próprios conceitos expõem suas imperfeições e por elas se tornam aptos a passar a um outro conceito ou

⁷ “[...] porque o verdadeiramente infinito não é um simples além do finito, mas o contém em si mesmo

categoria. Melhor dizendo, a dialética é operada por meio destas relações entre os conceitos ou categorias, sendo própria e interna a eles. Desse modo, a passagem não é um aparecer (*scheinen*), onde algo é colocado por um outro, onde algo é explicitado ou dado por uma outra característica, sem ser essa mesma característica (e, por isso, constituindo a fase reflexiva do processo dialético), e nem é um desenvolvimento (*Entwicklung*), tal como ocorre com a Ideia, a qual já possui em si os pressupostos implícitos para sua efetivação. A passagem denota muito mais um aspecto imediato das relações entre os conceitos e categorias, pois ela é um movimento de transição.

Assim, a passagem do finito para o infinito é um apagamento daquele neste, e desse modo, podemos apreender que o finito é, nesse sentido, abarcado pelo infinito. Parte da resposta então está no fato de que todo algo, apesar de seus limites, muda. Mas, se ele continua sendo este algo, seus limites, de certa forma tornaram-se mais “elásticos”. O limite que antes era a “linha” que delimitava o “território” do algo perante seu outro, quando é visto sob o aspecto da mudança na sua qualidade, torna-se, então, um obstáculo, uma barreira. Ou seja, a barreira será aquilo no algo que se coloca como um obstáculo a ser vencido, um obstáculo que pertence à mudança na qualidade desse algo.

Nesse mesmo sentido colocar-se-á o finito: seu limite é o infinito, mas, de algum modo, o infinito, então, está presente no finito uma vez que este tem sua barreira naquele. “A negação do finito é a afirmação do infinito” (NOËL, 1894. p. 275). Mas isso também significa que o infinito não pode se opor ao finito como se este fosse um limite daquele: desse modo, o infinito deve “absorver” o finito como parte de si mesmo, torná-lo sua barreira⁸.

5. O dever-ser, limite, barreira

Para Hegel, as categorias de algo e de outro consistem numa definição geral. Essa tem o intuito de estabelecer limites entre diferentes seres-aí, de modo que a captação de suas

como suprassumido”. Enz. I, § 45 (*Zusatz*), p. 116.

⁸ Se pensarmos em termos epistemológicos, quando nós chegamos a conhecer o finito nós já o ultrapassamos e, assim, entramos em um domínio diferente. Ou, ainda, se sabemos quais são os limites do finito, nós também conhecemos esse limite e, dado que o limite também faz parte do ser do outro, então nós também conhecemos este outro; isso significa que temos algum conhecimento do infinito e o limite que nós é dado por ele se transforma, então, na barreira, no obstáculo a ser ultrapassado e passível de sê-

características próprias envolvam, também, o meio pelo qual este ser-aí é *este* e não aquele outro. Como vimos inicialmente, o limite é o meio no qual o algo e o outro cessam de ser o que são, constituindo o não-ser de cada um e, então, sendo o outro deles (Cf. WdL, I, p. 126). Também sabemos que as coisas finitas são, existem, todavia, a sua determinação consiste em desaparecerem. O próximo passo consiste em termos uma visão mais ampla dessa finitude e da sua constituição.

A característica das coisas finitas é a de estarem limitadas, e isto decorre, essencialmente, do fato delas terem sua determinação no seu desaparecimento. Portanto, segundo Hegel, o finito tem dentro de si tanto o momento do dever-ser quanto a barreira, restrição (*Schranke*); ou seja, o ser-aí consiste em ser algo, todavia, a sua determinação última é a de não ser, e isso é o seu ser outro enquanto sua limitação (Cf. WdL, I, p. 131). O limite (*Grenze*) consiste basicamente numa delimitação do ser, na sua qualidade enquanto ente ou, ainda, na sua definição enquanto conceito sem, entretanto, depender de um movimento do ser-aí – consciente ou não. Dessa maneira, isso não quer dizer que este ser-aí compreenda a sua limitação como alguma coisa a ser superada, nem que o estado do ente seja temporário e ele tenda, naturalmente, para o alcance de uma determinação superior, a qual é sua meta; ele está limitado e não está restrito. Logo, ele não tem diante de si nenhuma barreira ou obstáculo que deva ser ultrapassado. Portanto, a barreira, em relação ao limite, apresenta-se como aquilo que deve ser superado, que possui uma tendência para a transgressão do limite que faz dela o que é. Eis, então, aquilo que Hegel denomina de barreira.

O dever-ser (*Sollen*) traz consigo a característica de ser algo que está sempre por realizar-se; ele pode mesmo se enunciar como um ideal, no seu sentido negativo, que é de algo que deveria ser possível realmente, mas o qual nunca se realiza. Pode-se também dizer que se trata de uma forma caracterizada pelo infinito trabalho de realização, nunca completado. Isso porque ele carrega consigo uma cisão da realidade, ou da unidade do verdadeiro, ao pressupor que o mundo se divida entre aquilo que é, e aquilo que deveria ser – e, no entanto, não é real. Então, o dever-ser “é e não é ao mesmo tempo”; enquanto um algo ele é, mas seguindo a sua determinação, ele deixará de ser; isto é, “é próprio da essência do dever-ser – como do progresso – o existir enquanto *não for realizado*” (HARTMANN, 1976. p. 501). Dessa maneira, o dever-ser

10. Cf. (FLEISCHMANN, 1968. p. 80).

tem, na sua realização, o seu fim, o seu término enquanto um algo. Mas, então, ele deixaria de ser, assim como o finito, que quando alcança a sua determinação própria, acaba por ser aniquilado. Tomando tudo isso de uma forma mais geral, podemos dizer que o próprio finito está preso por um dever-ser duplo: primeiro, tudo que é limitado o é por um outro e, este, por outro; em segundo lugar, tudo que é finito é, justamente, porque deixará de ser em um outro.

Nesse sentido, nós temos uma noção de infinitude que se configura como má infinitude, porque conduz o conceito a se refazer indefinidamente, em busca de sua realização; trata-se de tomar o finito, na sua relação com outros finitos, apenas sob o aspecto negativo, onde cada finito é restringido por um outro finito, que, por sua vez, também é restringido por outro e, assim, sucessivamente, culminando, então, com uma relação infinita entre os finitos. Em outras palavras: “alternância perpétua e intransponível entre a exigência de um processo indefinido de desenvolvimento e um limite (*Grenze*) sempre retirado, mas sem cessar de renascer” (BIARD et al., 1981. p. 89). Do mesmo tipo é a relação entre o dever-ser e a barreira, que parece estar fadada a sua indefinição.

O movimento ao qual o dever-ser está fadado é tão contraditório quanto aquele ao qual o finito é determinado; a força dessa contradição é tal justamente porque se aninha na sua determinação própria. Obviamente, essa é uma forma do infinito, e do dever-ser, se expressar; todavia, ela se caracteriza por uma negatividade absoluta, onde o que se repete é sempre o mesmo aspecto, a saber, o da negação eterna do finito e da restrição por um novo finito e uma nova restrição. Isso seria excluir toda a relação interna que os entes finitos estabelecem entre si e ignorar a processualidade que os une (Cf. BIARD et al., 1981. p. 87).

Em Hegel, o processo de totalização é aquele que ocorre entre as categorias de finito e infinito. Estas são absolutamente abrangentes, pois abarcam toda a realidade. O dever-ser, nesse contexto, seria um modo de comportamento possível dessas duas categorias, “pois o dever-ser é o ser que está além da barreira; o limite suspende-se nela”. Com isto, quer se dizer que o dever-ser suprime o limite – aquilo que nega o outro do algo, delimitando-o – e se recoloca como um obstáculo a ser ultrapassado. Esta expressão “deveria dizer muito”, entretanto, a barreira colocada pelo dever-ser tem como destino nunca ser superada. E, então, Hegel percebe que esta mesma expressão

pode ser invertida: “tu não podes justamente porque tu deves” (WdL, I, p. 134). Enquanto dever-ser, ele só é não sendo.

Segundo Hegel, todavia, este é um modo negativo de se tomar a relação entre dever-ser e ser, baseada em duas visões um tanto quanto equivocadas acerca deste conceito. Em primeiro lugar, tomando-se o dever-ser na sua relação epistemológica, enquanto delimitação do conhecimento, não se pode dizer que, além da barreira imposta, não exista nada que possa ser conhecido. Quando se sabe o limite de algo, sabe-se o que seja essa barreira e, essa mesma barreira, enquanto outro, também está delimitada: ora, para que se possa reconhecê-la enquanto tal, não existe outra forma do que aceitar que a conhecemos, pois então não seríamos capazes de apreendê-la enquanto o limite/barreira do algo. Consequentemente, pelo exposto acima, não se pode ver a barreira como um obstáculo intransponível, ou como aquilo que é externo ao ser-aí, delimitando-o na forma da pura identidade.

6. O infinito hegeliano

Tomando o infinito como o algo e o finito como o outro, estes irão realizar o mesmo processo dialético, tomado por si mesmo, enquanto relação entre o algo e o outro. Desse modo, sabemos de antemão que todo o algo é, também, um outro; e, “essa relação para consigo mesmo, no passar [*Übergehen*] e no outro, é a verdadeira infinitude” (Enz. I, § 95, p. 191). Então, a verdadeira infinitude é aquela na qual ocorre o esmaecimento da categoria de finito na de infinito, por meio da conclusão de que tanto finito quanto infinito possuem a mesma determinação, a do outro. A negação da negação que ocorre no finito, ou seja, a negação do seu desaparecimento – que é sua determinação – pelo cumprimento desta sua “destinação”, compõe a negação (desaparecimento) da negação (determinação cumprida).

Tanto finito quanto infinito, em suas formas verdadeiras, “negam-se a si mesmos e colocam o seu contrário” (NOËL, 1894. p. 277); tanto um quanto o outro irão se afirmar na e pela sua negação. Trata-se de outra apresentação do devir na dialética do ser-aí, onde o infinito qualitativo nos é apresentado de uma forma mais mediada, mas ainda imediata. Lembremo-nos que estas relações do finito e do infinito ainda

encontram-se num certo grau de abstração: o próximo passo, o ser-para-si, é que terá em si a infinitude suprassumida. Mas esse é outro assunto.

Então, o infinito surge como essa afirmação que ocorre pelo finito, quando ele ultrapassa a sua limitação enquanto ser que deixará de ser. Por esse movimento, ele nega a sua negação, alcançando, dessa forma, o infinito. Com isso, Hegel nega que o infinito seja “*um dos dois*”, como se ele estivesse meramente ao lado do finito, sendo, assim, apenas uma negação absoluta do finito e, nesse sentido, tornando-se limitado pelo finito⁹. Além disso, como vimos acima, não é possível existir um infinito que não contenha em si, o finito. Se, em contrapartida, o infinito perseverasse em seu estado de intocabilidade pondo-se como limite ao finito, estaríamos concedendo a mesma posição ao finito, igualando-o de forma abstrata ao infinito: estaríamos, com uma mão, retirando do infinito aquilo que havíamos dado com a outra¹⁰.

Bibliografia

HEGEL. *Enciclopédia* I. São Paulo: Loyola, 1995.

HEGEL. *Science de la Logique* I. Paris: Aubier, 1947.

HEGEL. *Ciencia de la lógica*. Buenos Aires: Solar/Hachette, 1974

BIARD, J. BUVAT, D. KERVÉGAN, J.F. KLING, J.-F. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, A. SLUBICKI, M. *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel*. 1º vol. Paris: Aubier, 1981.

BRASIL. Observatório Nacional. Fechado, aberto, finito, infinito, limitado, não-limitado, com contorno, sem contorno... O que isso quer dizer? Disponível em: http://www.on.br/site_edu_dist_2008/site/conteudo/modulo6/2-universo-fechado-aberto-finito-infinito/Fechado-aberto.html. Acesso em: 02 de fevereiro de 2007.

⁹ “O Infinito, assim concebido, é o *Um dos Dois*; mas, enquanto um de dois, é ele mesmo finito, ele não é o Todo, mas somente um lado do Todo; tem seu limite nisto que se encontra em face dele; ele é, assim, o *Infinito finito*. Há apenas *dois Finitos*”. (WdL, I, p. 146)

¹⁰ É importante termos em mente que, finito e infinito não querem dizer a mesma coisa que limitado e ilimitado. Este último par de conceitos pode, perfeitamente, ser aplicado tanto ao finito como ao infinito. A limitação/ilimitação refere-se à distribuição de um conteúdo: assim, o universo pode ser infinito, mas estar limitado – aliás, essa é a tendência da física atual. Assim, sistemas infinitos podem se expandir num espaço finito, podendo ser denominada “expansão da infinitude para a infinitude”. Cf. BRASIL. Observatório Nacional. Fechado, aberto, finito, infinito, limitado, não-limitado, com contorno, sem contorno... O que isso quer dizer? Disponível em: http://www.on.br/site_edu_dist_2008/site/conteudo/modulo6/2-universo-fechado-aberto-finito-

DOZ, André. *La logique de Hegel et les problèmes traditionnels de l'ontologie*. Paris: Vrin, 1987.

FLEISCHMANN, Eugène. *La science universelle ou la logique de Hegel*. Paris: Plon, 1968.

GARAUDY, Roger. *El pensamiento de Hegel*. Barcelona: Seix Barral, 1974.

HARTMANN, Nicolai. *A filosofia do Idealismo Alemão*. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1976.

NOËL, Georges. La logique de Hegel : La science de l'être. *Revue de Métaphysique et de Morale*, Paris, T. 2, nº 3. Maio de 1894, pp. 270-298

WAHL, Jean. *Commentaires de la logique de Hegel*. Paris: CDU, 1959.

Artigo recebido em dezembro de 2011

Artigo aceito para publicação em setembro de 2012